

Mãe'viva

DIRECTOR: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 18 — PREÇO 3\$50 — 27/OUT/76

DE SEMANA
A SEMANA

FIÃES MAIS DO QUE ISSO

Um acontecimento como aquele que ocorreu perto de Fiães não pode ser encarado como uma mera notícia de jornal. Ele não pode servir para lamentar-se a morte de um rapazinho às mãos de um deficiente mental. Nem pode servir para culpar o presumível assassino, ou tão pouco atirar para as paredes dos cafés que acolhem as frustrações quotidianas, doentios dogmatismos ou especulações apressadas por aqueles que, ruminando e digerindo os caracteres impressos em jornais colocados ao serviço da classe dominante, constantemente defendem a (sua) liberdade em segurança ou a (sua) segurança em liberdade.

Um acontecimento como este exige uma análise detalhada, porque levanta questões importantes como: as condições de convívio e formação das crianças oriundas das classes sociais ditas «menos favorecidas», as condições de ocupação do tempo por parte de jovens sem profissão, as condições de recuperação e/ou adaptação dos deficientes mentais ou físicos, as motivações para o equilíbrio social que, por não serem criadas, conduzem à segregação e ao racismo (tenhamos presente o caso das Minas da Panasqueira, resolvido «sabiamente» pelo reforço da discriminação através do envio dos «indesejáveis pretos» para Santa Margarida).

Ao caso das Minas da Panasqueira regressaremos brevemente. No que se refere ao caso de Fiães, levantemos um pouco a cortina: o Albano Fernandes (a quem se atribui o assassinio), como deficiente mental que é, «esteve internado num Instituto, no Alentejo, de onde saiu há cerca de dois anos» (segundo o «Jornal de Notícias» do dia 16 passado).

É evidente que o internamento em «Institutos» não resolve o problema das afectações mentais. Antes o pode agravar. (...e anuncia-se para breve a criação de institutos de recuperação para drogados...).

O que se faz de positivo pelos deficientes?

Quando se pretende fazer algo? Ainda não estão reunidas as condições? Ainda não há um número de casos que o justifique? Estamos à espera da «despretenhiosa» colaboração dos nossos «amigos da Europa»? Quem responde? De que maneira?

Governador Civil de Aveiro em Espinho

Anunciada medida de Descentralização

O dr. Manuel Costa e Melo, governador civil de Aveiro, deslocou-se no passado dia 19 à Câmara de Espinho, na sequência de uma série de visitas aos diversos concelhos do distrito, com o objectivo de se inteirar «in loco» das questões respeitantes à administração local.

Numa reunião informal com os elementos da Comissão Administrativa e representantes das Juntas de Freguesia do concelho, foram-lhe postos os problemas mais candentes do município.

Deste modo, a C. A. da Câmara teve a oportunidade de referir as realizações que respeitam ao ano que decorre. Da exposição ressaltaram como mais significativas as despesas que envolveram: assim, no que respeita a acções de exclusiva responsabilidade financeira da Câmara, as obras já concluídas em 1976 orçam

os 8 mil contos e as que estão em curso ultrapassam os 42 mil contos. Estes números não incluem as obras do plano extraordinário que rondam os 6 mil contos.

A questão do Hospital de Espinho foi também apresentada ao governador civil de Aveiro, bem como o contencioso dos clubes espinhenses com algumas Associações de Aveiro que o dr. Costa e Melo, muito diplomaticamente, achou dever ser remetida para os organismos desportivos competentes.

Aproveitou também para lembrar uma sua comunicação em que alertava para a existência de um internato em Aveiro, apto a receber crianças necessitadas, gratuitamente. Os representantes das Juntas presentes anunciaram já terem sido notificados pela C. A. da Câmara e estarem já

(Conclui na página 2)

Lá «começaram» as aulas...

Já há muito tempo que estava prometido. E as entidades responsáveis, contra todas as dúvidas e receios da população, mantinham o mais entusiasmado optimismo. Garantiam que tudo estava a correr bem, melhor até do que se contava.

Ora o prometido é devido: segundo dizem, lá começaram as aulas no dia 18. Segundo dizem, pois claro. Tanto quanto pudemos apurar, e embora contrariando as informações idóneas vindas «lá de cima», foram raríssimas as escolas que iniciaram os seus trabalhos no dia 18 (pode ser que em Lisboa seja diferente...). A maior parte dos estabelecimentos de ensino não está ainda em condições de iniciar as actividades. E os poucos que têm aulas funcionam com um número incompleto de professores (normalmente cerca de 2/3).

Como seria de esperar, as pes-

soas interrogam-se. Isto começa ou não? Que ano vamos ter? De quem é a culpa?

Uma resposta muito fácil é a evasiva, a desculpa, o «sacudir a água do capote» e pôr as culpas para cima dos ombros dos outros. Ora o M.E. I.C. tem, pelo menos, que assumir as suas responsabilidades em todo este processo. É simplista acusar algumas Comissões de Gestão de obstruírem o andamento das coisas; é errado atribuir os atrasos e as incapacidades às tomadas de posição de protesto, por parte de alguns professores não concordantes com as directivas oficiais. A ninguém se pode negar o direito de discordar; a ninguém se pode negar o direito ao diálogo para superar essas discordâncias. Claro que a via do diálogo é um pouco mais exigente, implicará talvez uma

(Conclui na pág. 2)

ELEIÇÕES

«Povo Unido» entregou as Listas

Na passada quarta-feira, dia 20, deram entrada no Tribunal de Espinho, as primeiras listas concorrentes às Autarquias Locais, apresentadas pela Frente Eleitoral «Povo Unido», respeitantes às candidaturas para a Câmara Municipal, Assembleia Municipal e Assembleias de Freguesia de Espinho e de Silvalde.

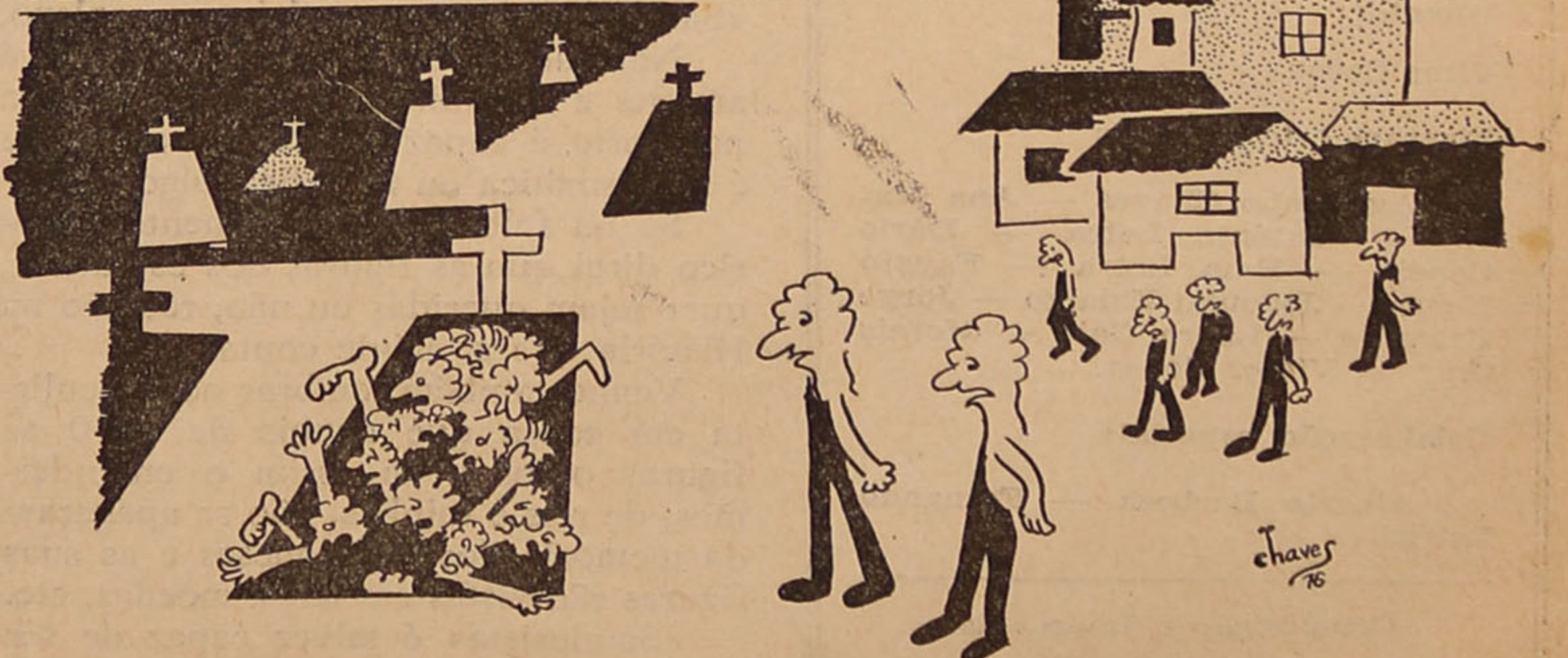
No Tribunal, apanhámos o Daniel Dias e o José Catarino, mandatários da F.E.P.U., sobraçando quatro maços de papéis brancos e azuis, e dispáramos: — Então muito trabalho?

(Continua na página 6)

COMENTÁRIO

Almeida Santos:

«Quem vai ser despejado tem direito a um buraco»



J. Haves '76

NO TI CI AS

Bombeiros Voluntários de Espinho

Comemoram 81.º aniversário

Os Bombeiros Voluntários de Espinho, comemoraram no passado domingo, dia 24, o seu 81.º aniversário. A este propósito e, às 9.30 horas da manhã realizou-se o hasteamento da bandeira com a presença de todo o efectivo desta corporação. Em seguida, os bombeiros com vários anos de serviço, foram condecorados com medalhas comemorativas.

Pelas 11 horas, foi rezada uma missa na Igreja Paroquial, por intenção de todos os membros falecidos desta Associação. Em seguida realizou-se uma romagem ao Cemitério Municipal, onde foi depositada uma coroa de flores em memória daqueles que, sempre souberam manter acesa a chama do voluntarismo, da necessidade de estar sempre ao serviço da comunidade.

A noite, o efectivo dos B. V. de Espinho efectuaram um convívio com os familiares a finalizar as festividades duma Associação que constitui uma fonte de utilidade ao serviço de Espinho, dos seus habitantes.

MARÉ VIVA

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251 - 1.º
Telef. 921621

ESPINHO

Director:

Vitor Sousa

Fizeram este número:

Agostinho Chaves — Ana Maria — António Letra — Dário Capela — Ema Letra — Fausto Neves — Joaquim Fidalgo — Jorge Catarino — Laura Gaio — Morais Gaio — Victor Sousa.

Colaboração especial:

Alberto Barbosa — Fernando Letra.

Composição e Impressão
Oficinas Gráficas

da Casa Num'Álvares — Porto

VII Encontro Nacional das Cercis

No passado sábado, oito CERCI's do país (Aveiro, Ovar, Gaia, Espinho, Cascais, Seixal, Barreiro e Lisboa) das dezanove existentes no país, reuniram-se na nossa cidade para eleição dum secretariado nacional.

Esta escolha que, já se vinha a arrastar há uns tempos, teve o seu final com a designação dos representantes das CERCI's de Cascais, Barreiro, Seixal, Lisboa e Ovar para comporem um secretariado que terá apenas funções executivas, constituindo um órgão da vontade de todas as CERCI's. A sua regulamentação será elaborada por duas comissões (Norte e Sul) e aprovado no próximo encontro nacional a realizar um Novembro, em Cascais.

Na travessa sem noma águas sujas em catadupas

Nas traseiras dos prédios n.ºs 264 a 276 da Rua 15 existe uma travessa sem placa toponímica, circunstância que, só por si, não é bastante para que lhe não seja reconhecida existência legal.

Essa, porém, parece não ser a opinião de algumas locatárias de pisos superiores de prédios novos lá existentes, pois, quando toca a lavar a roupa da semana, quem por lá passar corre o risco de, sem ouvir «água vai», apanhar um banho de água suja à mistura com espumante detergente.

Segundo informação prestada ao «Maré Viva» foi apresentada queixa na P.S.P., uma vez que as palavras não surtiram qualquer efeito nas possuidoras das *indesites*. O guarda foi lá, como se impunha, mas os aparelhos continuam, indiferentes, a despejar para a travessa os resíduos do seu labor.

Uma vez que a persuasão não resulta, não terão as autoridades outros meios para impor o respeito pelos outros?

Por não respeitar a prioridade

No passado dia 20 do corrente deu-se um acidente no cruzamento da Rua 7 com a Rua 16 que poderia ter graves consequências.

O carro de marca Citroen «boca de sapo» de matrícula EH-38-79, guiado pela sra. D. Camila da Silva, esposa do sr. Fernando Luís Correia da Silva, vinha da Rua 16 do lado da Rua 62 e não respeitando a prioridade foi embater violentamente num Datsun 1200 guiado pelo sr. Manuel Henriques Soares, residente na Rua 7, em Espinho.

Os prejuízos materiais são avultados mas não houve danos pessoais. Não foi precisa a intervenção da polícia porque os dois automobilistas entraram imediatamente em acordo.

Carta ao Director

Espinho, 18 de Outubro de 1976

Ex.mo Senhor Director:

No jornal de 6 do corrente, que V. Ex.cia dirige, li um artigo intitulado «Saudosismo» que me deixou perplexo.

Naturalmente o articulista não é amante e entendido em medalhística e por certo é capaz de não saber o que é numismática ou filatelia, julgo eu.

Se há falta de conhecimento histórico direi que as figuras dos estadistas, quer sejam queridas ou não, rezarão na História que se há-de contar.

Venho também lembrar ao articulista em causa que depois de 1910 as figuras odiosas, se assim o entendermos, de reis e rainhas, não se apagaram da memória dos Portugueses e as suas figuras são vistas em telas, moedas, etc.

«Saudosista» é talvez capaz de ser o articulista, que me parece seguir a política de Salazar «Quem não é por mim é contra mim».

CINEMAS

S. PEDRO

Dia 28, Quinta-feira — «Kung-Fu no Oeste Selvagem» — Maiores de 18 anos.

«Kung-Fu» e «Oeste Selvagem» uma mistura bastante indigesta! Se quer conservar a boa disposição não vá!

Dia 29, Sexta-feira — «O Professor Nudista» — Maiores de 13 anos.

Uma comédia imbecil? Talvez! Se tiver que fazer, não perca tempo. O cinema tem que ser mais que meia dúzia de gargalhadas arrancadas à força.

Dia 30, Sábado — «Elena sim mas... de Tróia» — Maiores de 18 anos.

De Tróia? E se aparece o cavalo de madeira? Fuja a sete pés!

Dia 31, Domingo — «O Triplo Eco» — Maiores de 18 anos.

No meio de tanta peste, de tanta porcaria mascarada de cinema, talvez hoje você possa ir ao cinema. Glenda Jackson e Oliver Reed são artistas que merecem ser vistos.

CASINO

Dia 27, Quarta-feira — «A Brigada Louca» — Maiores de 13 anos.

«...uma comédia mesmo louca!» Louca ou não, talvez você possa arriscar.

Dia 28, Quinta-feira — «Vício de Matar» — Maiores de 13 anos.

Um «western» de Arthur Penn interpretado pelo conhecidíssimo Paul Newman nunca é de desperdiçar. Vá!

Dias 29, 30 e 31, Sexta-feira, Sábado, e Domingo — «Aaima» — Maiores de 13 anos.

Um filme indiano que, depois da habitual avalanche de italianos e americanos, à mistura com «kung-fu» de Hong Kong, mesmo que não seja nada de excepcional talvez mereça ser visto. Nem que seja para variar.

FARMÁCIAS

QUARTA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

QUINTA — Farmácia Teixeira
Rua 119 n.º 46 — Telefone 920352

SEXTA — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

SÁBADO — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

DOMINGO — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

SEGUNDA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

TERÇA — Farmácia Teixeira
Rua 119 n.º 46 — Telefone 920352

Com os meus respeitosos cumprimentos,

Atenciosamente
Arlindo Santos

N. R. — Surpreende que, sobre um artigo que visava uma situação mais ou menos generalizada, tenha vindo alguém, individualmente, assumir a defesa dessa mesma situação. Surpreende e temos de o considerar positivo. No entanto, sobre a argumentação desenvolvida, e porque ela não é nova, devemos informar o nosso leitor e espontâneo colaborador, de que: com papas e bolos, moedas e reis, rainhas, estadistas e sentenças históricas, se enganam os tolos. Se — com medalhas e amantes; já não pelo verso, mas pela cara — o fascismo avança, a obrigação do «articulista» é estar atento, porque é contra isso. E quem o não for...

Lá "começaram" as aulas

(Conclusão da pág. 1)

ou outra cedência de posições pessoais intransigentes, mas... democracia parece que é isso!

As aulas continuam à espera. Muitos alunos não têm ainda professores. Mesmo sem chegarmos ao problema das habilitações... Aguardam-se soluções capazes, realistas e progressistas. Para já, e antes de mais, teremos o direito de exigir pelo menos uma política de verdade. Esconder não adianta. Dizer que está tudo a correr muito bem, que só algumas escolas ainda não estão a funcionar em pleno, que se colecionam vitórias sobre vitórias, é um bocadinho ingénuo... E não ajuda nada para o futuro. É um investimento talvez pouco produtivo e que, quem sabe? poderá cobrar juros bem pesados.

O Governador Civil de Aveiro em Espinho

(Conclusão da pág. 1)

em contactos com as populações no sentido de serem detectados os casos mais urgentes.

Por último, o dr. Costa e Melo expressou o desejo de que a sua acção pudesse corresponder a todas as solicitações da população do distrito, aos mais diversos níveis, salientando o papel das Comissões de Moradores, e acrescentou que estaria para breve o alargamento dos poderes dos governadores civis, que passariam a representar o Governo na sua totalidade e não apenas uma sua parte — o Ministério da Administração Interna.

Uma boa novidade que anuncia um importante passo na descentralização administrativa e um golpe severo na burocratização da administração pública que teima em emperrear a resolução de problemas tantas vezes urgentes.

Maré-rua

(Conclusão da pág. 5)

as pessoas são mal remuneradas é justo que reivindiquem melhores salários; concordo absolutamente. O que convém é que não abusem...

Agradecemos à D. Carmen o tempo que gastou connosco e, olhando para as declarações assim em estilo de balanço, duas coisas saltam aos olhos por serem comuns a quase todas as declarações: primeiro, a inexistência de grandes problemas com a falta de pão (terão os fura-greves já citados contribuído para isso?); a segunda é que nenhuma das pessoas estava ao par das razões que levaram os trabalhadores da indústria da panificação a recorrerem à greve. Falta de informação? Ou apatia do público (provocada e desejada por muitos sectores) perante a luta dos trabalhadores por melhores condições de trabalho?

Aqui ficam as interrogações que nos vieram à mente. Como sempre deixamos as nossas colunas abertas a quem se queira associar às discussões e tratamentos dos temas do «MARÉ-RUA».

Até ao próximo número para mais uma «vadiagem» semanal!

ELEIÇÕES-OS PRIMEIROS PASSOS

Anta

Grijó

Nogueira da Regedoura

Paramos

Aqui o número de listas a apresentar para a eleição da Assembleia de Freguesia prevê-se que seja de quatro. Três delas são apresentadas por partidos. Como na sede do concelho o PS, o PPD e o CDS decidiram jogar sozinhos. Este último apresenta como cabeça de lista Adão Loureiro de Almeida, o segundo escolheu para a chefia José Nogueira da Silva e o Partido Socialista tem como «leader» de lista Manuel Sá Couto, que exerce funções na actual Comissão Administrativa da Junta de Freguesia.

Desta Comissão Administrativa, também o seu presidente, Fernando do Carmo Fernandes, aparece à frente de uma lista que tem a particularidade de não usar a protecção legal de um partido. Trata-se da O.P.A. («Organizemo-nos Povo de Anta») que, por isso mesmo, teve de proceder à recolha do número necessário de assinaturas de apoio.

★

A exemplo do que tencionamos fazer em relação às listas das outras freguesias, também em relação a estas daremos mais pormenores no próximo número nomeadamente no que se refere à sua composição completa.

Como seria de esperar, Grijó, com os seus cinco mil habitantes, regista elevada animação no que se refere aos preparativos para as próximas eleições de 12 de Dezembro.

A prorrogação do prazo de entrega das listas não permite que se possa dizer para já qual o número definitivo das listas que se irão apresentar. Entretanto podemos já adiantar que estão em fase de conclusão os processos respeitantes a quatro listas. Três delas serão apoiadas por partidos (CDS, PPD e PS). Dos dois últimos sabe-se já que serão encabeçadas respectivamente por António Correia da Silva, industrial daquela freguesia, e Eduardo Cruz, pequeno empreiteiro. A quarta lista, que adoptou a designação de «Lista Independente de Grijó», reúne pessoas de vários quadrantes políticos e é encabeçada por Valentim Neves, presidente da actual Comissão Administrativa da Junta de Freguesia, que tem desenvolvido um trabalho bastante apreciado pela generalidade dos habitantes de Grijó.

Contamos no próximo número poder fornecer o número definitivo das listas, bem como as respectivas composições, que deverão contar com doze elementos.

Em Nogueira as eleições já mexem. Embora ainda não sejam conhecidas as composições das listas (com doze elementos) é dado como certo que estas serão apenas três. Uma do PPD, outra apoiada pelo PS e uma terceira, apoiada por um grupo de cidadãos. Esta última, de que se não conhece ainda a designação que irá adoptar, será encabeçada por João Campos, operário, dirigente sindical e morador no lugar do Tapadinho.

A lista PPD terá como primeiro nome José Resende, empregado de escritório e morador no lugar do Monte. Não será de estranhar a ausência do CDS do campo de luta, se se pensar que os «centristas» locais terão apostado na lista anterior.

Uma espécie de coligação que pretenderá opor-se à lista do Partido Socialista, com forte implantação na zona e que é chefiada por Henrique Mota, morador em Olivães, também empregado de escritório e bastante considerado no meio. Contará com militantes do partido e três independentes.

Curiosamente, nenhum dos elementos da actual Comissão Administrativa da Junta de Freguesia parece disposto a entrar na corrida por qualquer das listas, por assim haverem acordado previamente entre si.

Em Paramos, a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia está bem representada nas candidaturas às próximas eleições.

O seu presidente, Alcino Fernandes, bancário, encabeça a lista denominada «Lista Independente de Paramos» e que reúne cidadãos ligados a diversas correntes políticas.

Um outro elemento da Junta, João Baptista Costa, também bancário, aparece à frente da lista apresentada pelo Partido Socialista.

O terceiro elemento, Domingos Monteiro de Sá, bancário ainda, integra a lista do PPD, mas enquanto que os seus colegas concorrem à Assembleia de Freguesia, optou pela sua inclusão na candidatura à Assembleia Municipal.

Será curioso referir que é ainda um outro bancário, José Pacheco Oliveira que aparece em primeiro lugar na lista do PPD para a Assembleia de Freguesia.

Soubemos que também o CDS diligência para a formação de uma lista, mas nada transpira ainda, quando do fecho desta edição, quanto ao «chefe da equipa».

Esteja atento. Terá mais pormenores na próxima semana.

S. Paio de Oleiros

Alguns reparos ao nosso trabalho

A propósito do noticiário que sobre S. PAIO DE OLEIROS temos vindo a dar, com agrado dos nossos, cada vez mais, amigos, daquela localidade, recebemos da Junta da Freguesia de S. PAIO DE OLEIROS uma carta em que, depois de nos ser testemunhado esse agrado pelo nosso trabalho, somos informados de que aquele órgão deliberou passar a dar conhecimento, quer directamente, quer através do nosso colaborador local, ao nosso semanário, dos assuntos de maior interesse para aquela Comunidade. Devem os nossos leitores de S. PAIO DE OLEIROS congratular-se pois, devido a esta atitude exemplar, podem, a partir de agora, contar com um serviço ainda melhor da nossa parte.

Para já algumas respostas e reparos:

1. TRANSPORTES

(«MARÉ VIVA», de 4/8/1976)

A eventualidade de uma carreira que sirva o lugar do Fial depende de a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres considerar aceitáveis as infraestruturas viárias existentes. A Auto-Viação Feirense, L.da, informou que o processo iniciado em 1973 poderia ser reaberto já, dado que se mantém o seu interesse numa carreira entre Espinho e o lugar da Quebrada (limite da sua concessão), que foi recusada há três anos pelos motivos acima referidos.

2. COBERTURA DO LAVADOURO DO LUGAR DAS PEDRAS

(«MARÉ VIVA», de 11/8/1976)

Este melhoramento, solicitado já

de há muito por Juntas anteriores, está prestes a ser concretizado. É («MARÉ VIVA», de 11/8/1976)

mesmo possível que neste momento Câmara Municipal. O senhor correspondente está a par da exaustiva correspondência trocada entre esta C. A. e o presidente da C. A. municipal. Entretanto o lavadouro já foi muito beneficiado com obras que esta C. A. entendeu serem inadiáveis e que promoveu, mesmo ultrapassando a sua competência. Lavadouros é assunto da alçada das Câmaras.

3. OS CAMINHOS DE OLEIROS

(«MARÉ VIVA», de 8/9/1976)

A informação dada pelo redactor do «MARÉ VIVA» na reportagem «MARÉ-RUA» de que tinha deixado Oleiros com «os caminhos em péssimas condições» não corresponde ao que se pode ler no itálico, e induz os leitores em generalização que também não corresponde à realidade. Há efectivamente caminhos em mau estado, que esperam arranjo conveniente, dentro das disponibilidades camarárias. Infelizmente a Câmara da Feira não admite meios termos: ou arranja os caminhos definitivamente ou deixa-os estar em mau estado. Esta C. A. está a tentar mentalizar aquela autarquia no sentido de melhorar as vias enquanto esperam a pavimentação condigna. Quanto às disponibilidades financeiras desta C. A., serão utilizadas até ao limite antes do fim do ano, em consertos precários, que não poderão ser feitos antes de Novembro, em virtude de entretanto estarem a decorrer noutras localidades obras de maior enver-



gadura que mobilizam o material e o pessoal e só os deixarão livres quando começar o Inverno.

É-nos consolador referir que nesta localidade há mais ruas em BOM estado do que no tal péssimo estado que o sr. redactor verificou.

No que toca ao caso de as populações darem dinheiro para esses arranjos, tal facto deve referir-se a Juntas anteriores. Esta C. A. ainda não viu UM TOSTÃO dos CONTOS DE RÉIS que os moradores costumam prometer quando insistem na pavimentação das suas ruas...

Para terminar, apraz-nos informar que a Câmara Municipal já promoveu a pavimentação definitiva de três arruamentos a insistência desta C. A. (Candal, Pego e Lameiro), que foi pena não terem sido visitados pelo sr. redactor. Sabemos entretanto que já está incluído no orçamento camarário para 1977 o arranjo definitivo do longo caminho do Azevedo, importante por ser uma boa ligação entre a Lapa (apeadeiro) e Paços de Brandão. Os restantes caminhos entrarão na lista de obras que a futura Câmara vai «herdar» da actual C. A.

A nossa primeira lista entrou na Câmara da Feira em 18 de Março

Nogueira da Regedoura

A escola velha veio abaixo

Foi há duas semanas. As crianças tinham lá estado de manhã e já uma pedra havia atingido uma aluna, felizmente sem consequências. A professora mandou-as para casa para almoçarem. Quando regressaram para o recomeço das aulas já não tinham sala. Nem tecto, nem paredes, apenas um montão de destroços.

Houve quem assistisse ao desmontamento, atraído pela queda dos primeiros bocados de estuque e pudesse ver as paredes a cederem lentamente até arrastarem consigo o tecto, que desabou numa só vez.

As crianças, embora escapando ao desastre, têm agora de recorrer à escola nova, pois a velha só tinha aquela sala. Agravou-se assim o problema das instalações escolares, que obriga as escolas da freguesia a trabalharem por turnos.

A escola que agora ruuiu servia de locação à Junta e chegou a estar sem outra utilização. Mas o aumento populacional obrigou a que se tivesse de utilizar de novo para o ensino. Não será altura de se pensar em imputar responsabilidades a quem quer que seja, mas sim em criar as instalações necessárias para que as crianças não continuem sujeitas a estes e outros perigos.

Só para terminar. Sabem que foi nesta mesma sala que a «NASCENTE» passou o «O Garoto de Charlot»? Imaginem!

de 1975 e compreende TODOS os caminhos que necessitam de conserto.

Com os melhores cumprimentos,

O Presidente da C. A.
Bernardo Júlio de Oliveira e Silva

A propósito de despedimentos

Discutidas e aprovadas no final de Setembro, publicadas, no «Diário da República», no passado dia 18, ampliadas a 19, surgiram importantes alterações na legislação do trabalho, cujo espírito se pode condensar nas palavras que a generalidade da Imprensa adoptou — facilitar os despedimentos. O facto em si não surpreende, até porque se trata da simples concretização de uma medida há muito anunciada, nem vamos comentá-lo, já que nada poderíamos acrescentar ao que a Imprensa diária, mais especializada — à esquerda ou à direita — tem dito. Vamos, isso sim, e porque para tal estamos bem situados procurar analisar os aspectos mais imediatos do significado dessas alterações para o trabalhador da nossa região.

Desde já, frizamos que não somos advogados do método muito difundido entre certas camadas trabalhadoras, não especializadas, sobretudo de menor idade, de meter um mês de férias, pelo Natal, para ir à terra, e um de «baixa», no Verão, para ir à praia. Ou o mesmo, praticado por trabalhadores especializados, para fazerem uns biscoitos. O que podemos fazer é interrogarmos-nos sobre se vão ser estes prevaricadores, que enchem os discursos dos responsáveis pela nova legislação, quem vai sofrer as penas dos novos métodos de despedir. Julgamos que não. Essas manias estão profundamente arraigadas na vida das empresas e, só numa minoria de casos, provocam perturbações efectivas na economia das mesmas. Pode-se mesmo dizer que chegam a ser estimuladas por alguns patrões, como meio de transferirem para a Previdência encargos com os trabalhadores, durante os períodos em que há menos que fazer.

Posta a claro esta questão, que vai então passar-se em face destas facilidades?

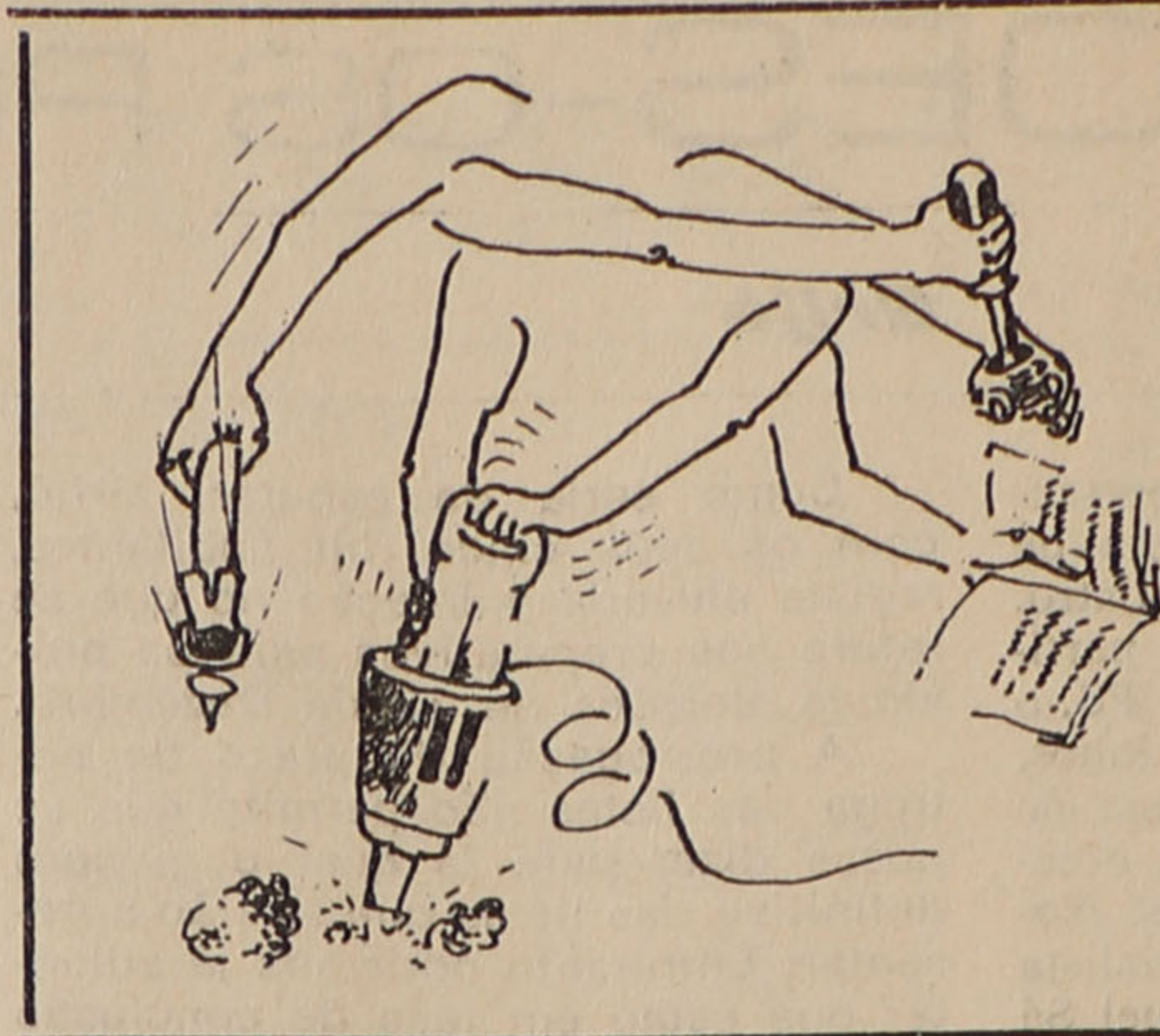
Para quem tiver acompanhado os últimos números do «MARE VIVA»; quem tiver lido, em particular, um comunicado do Sindicato dos Papeleiros, difundido a 29 de Setembro, ou, sobre o mesmo assunto, o difundido uns

dias antes pelos Tapeteiros e Cordoeiros; quem, sobretudo, souber avaliar o que não temos escrito, por as pessoas envolvidas se sentirem intimidadas; a resposta não há-de ser difícil. Se virmos o que é a realidade em muitas empresas, por exemplo através do relato, aqui publicado, de um despedimento, veremos como delegados e dirigentes sindicais, os trabalhadores que falam aos outros, os que têm coragem de entrar no Sindicato sem ser às escondidas (na nossa região, em alguns aspectos, o obscurantismo continua), em resumo, seja quem for que tenha a «ousadia» de conhecer as leis está sujeito a, sem o inquérito até aqui exigido, ser «limpo» das empresas em que trabalha.

Quem, na nossa região, não ouviu a frase: «Tenho lá dois malandretes, dois revolucionários que, no dia em que eu possa...» pronunciada aqui ou ali, por aqueles que agora poderão despedir com bases tão ambíguas como: «desinteresse repetido pelo cumprimento com a diligência devida, das obrigações inerentes ao exercício do cargo ou posto de trabalho»; «reduções anormais da produtividade» e outras avaliadas em inquéritos dirigidos como lhes der na gana?

A verdade é que esta nova formulação da lei pode ser a porta aberta, por onde procurarão entrar os interessados em «furar» o consignado na alínea b) do Art. 52.º da Constituição da República, que proíbe os despedimentos por motivos ideológicos. Depois de «limpas» as empresas, esses mesmos patrões poderão dedicar-se ao expurgo dos «excedentes». Será a vez de largos contingentes de trabalhadores, não especializados ou de pouca especialização, a título de exemplo: escolhedoras nas cortiças, cerâmicas ou tapeçarias, serem postas na rua e, depois, serem readmitidas, na fórmula dos contratos a prazo, o que permitirá intensificar a exploração a um nível necessário ao processo de recuperação do capitalismo ditado pela CIP.

Ao falarmos nisto, repisamos, não estamos senão a referirmo-nos a uma situação cujos contornos se adivinham com facilidade através de casos concretos que temos vindo a relatar. Os tra-



TRABALHO

A mulher e o trabalho

Chama-se Rosalina Martins. Dona de casa, mãe de sete filhos, uma casa a tratar e a sua profissão.

É professora primária e, como já vem sendo hábito nesta secção, trazemos aqui um pouquinho daquilo que é a vida da mulher trabalhadora e de todas as dificuldades inerentes ao subgluglar que ainda ocupa na nossa sociedade.

Sou professora do ensino primário e poderei desde já dizer que, como mulher e mãe, não tenho agora problemas pois tenho já os meus filhos criados e não me vejo obrigada a ter que os levar para a escola ou deixá-los em casa dos familiares como muitas outras são obrigadas a fazer. Recordo-me que nos meus primeiros anos de trabalho o problema se apresentava mais grave pois era menor o número de creches e infantários do que agora, que, embora em maior número, denotam uma das mui-

balhadores estão conscientes de que isto assim é. As suas organizações têm contestado esta legislação numa continuada e firme oposição a tudo o que represente liberalização dos despedimentos. Nas fábricas, a unidade e responsabilidade dos trabalhadores, a sua capacidade de alertar os mais inconscientes é, mais do que nunca, importante. Aliás, neste como em todos os processos, essa é a melhor arma dos trabalhadores.

tas falhas que caracterizam a nossa estrutura social.

A par dos problemas que atrás citei e de que é alvo a mulher trabalhadora, doméstica e mãe, existe ainda a falta de mentalização do homem que, como marido e pai, não coopera e não compreende o que é trabalhar fora um dia inteiro e ainda ter que vir trabalhar para casa.

Dentro da minha profissão existem ainda muitas carências que agravam muito o ensino que actualmente se pretende, o ensino individualizado. A falta de material didáctico, por exemplo. Se de facto um professor quer acompanhar devidamente os seus alunos terá, ele próprio, de confeccionar esse mesmo material ou comprá-lo, o que é insustentável pela falta de tempo e pelo problema económico.

Outro problema com que nos debatemos é o das colocações. Isto tem que ser revisto. Casos há de pessoas com família formada e em formação que são mandadas para grandes distâncias e isso não está correcto. Tenho quatro horas de trabalho por dia, um mês de férias com respectivo subsídio e, em caso de parto, três meses.

Gosto imenso desta profissão. Se não fosse esta talvez outra em que pudesse contactar com crianças.

Opete pelo ensino primário pois era um curso pequeno e, na altura, estava saturada de estudar. Sinto-me realizada.

Tribunal Judicial da Comarca de Espinho

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Nos autos de expropriação urgente n.º 104/76, pendentes na 1.ª Secção da Secretaria Judicial desta comarca, em que são expropriante a Câmara Municipal de Espinho e expropriados José de Almeida Júnior e filhos, residentes na Rua 16, n.º 177, desta cidade de Espinho, e outros, correm éditos de OITO DIAS a contar da segunda e última publicação deste anúncio notificando todos os interessados incertos com direitos às parcelas de terreno abaixo indicadas, de que as mesmas foram adjudicadas por despacho de 4 do corrente mês de Outubro à expropriante — Câmara Municipal de Espinho — a saber:

1.º — Um prédio rústico, com a área de 4.370 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a José de Almeida Júnior e filhos, descrito na Conservatória do Registo Predial de Espinho sob o n.º 625, a fls. 173, do livro B-2, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta, sob o artigo 1914 e confrontante do norte com a estrada de divisão de concelhos, do sul com Joaquim Ferreira Dias Patato, do nascente com a Rua 20 e do poente com António de Sousa Couto.

2.º — Um prédio rústico, com a área de 8.140 m² situado no lugar do Mocho,

freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a António de Sousa Couto, omissa na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.915 e confrontante do norte com a estrada de divisão de concelhos, do sul com Joaquim Dias Patato e ribeiro do Mocho, do nascente com José de Almeida Júnior e filhos e do poente com Manuel António Soares.

3.º — Um prédio rústico, com a área de 8.140 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a Manuel António Soares, omissa na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.916 e confrontante do norte com a estrada de divisão de concelhos, do sul com o ribeiro do Mocho, do nascente com António de Sousa Couto e do poente com caminho.

4.º — Um prédio rústico, com a área de 40 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a António de Sousa Couto, omissa na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.917 e confrontante do norte e sul com José Ribeiro e filhos, do nascente com caminho e do poente com a C. P.

5.º — Um prédio rústico, com a área de 1.184 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho,

pertencente a José Ribeiro e filhos, descrito na Conservatória do Registo Predial de Espinho sob o n.º 626, a fls. 174 do livro B-2, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.918 e confrontante do norte com António Alves Rocha, do sul com António de Sousa Couto, do nascente e do poente com a C. P.

6.º — Um prédio rústico com a área de 9.950 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a Manuel António Soares, omissa na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.919 e confrontante do norte com terreno da Junta de São Félix da Marinha, do sul com António de Sousa Couto, do nascente com a C. P. e do poente com ribeiro do Mocho.

7.º — Um prédio rústico com a área de 9.950 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a António de Sousa Couto, omissa na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.920, e confrontante do norte com Manuel António Soares, do sul e poente com o ribeiro do Mocho e do nascente com a C. P.

8.º — Um prédio rústico, com a área de 310 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a José Ribeiro e filho, omissa na Conservatória do Registo Predial de

Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.921 e confrontante do norte com António de Sousa Couto, do sul com Maria Resende e filhos, do nascente e do poente com a C. P.

9.º — Um prédio rústico, com a área de 4.690 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a Joaquim Francisco Dias Patato, descrito na Conservatória do Registo Predial de Espinho sob o n.º 627, a fls. 174 v.º do Livro B-2, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.924 e confrontante do norte com António de Sousa Couto e outro, do sul e do poente com ribeiro do Mocho e do nascente com a Rua 20.

10.º — Um prédio rústico, com a área de 828 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a Maria de Resende e filhos, omissa na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.922 e confrontante do norte com José Ribeiro e filhos, do sul com Joaquim dos Santos Marques, do nascente com caminho e do poente com a C. P.

Espinho, 7 de Outubro de 1976.

O Juiz de Direito,

(a) Francisco Diogo Fernandes

O Escrivão,

(a) José Pinto de Magalhães Júnior

(«Maré Viva», N.º 18, de 27/10/1976)

PÃO E LEITE

para os miúdos da primária

Ao nível das Escolas Primárias, um dos assuntos muito debatidos o ano passado foi a hipótese de distribuir às crianças, a meio da manhã ou da tarde, um suplemento alimentar que tentasse remediar as carências tão frequentes da alimentação quotidiana. Pretendia-se uma mini-refeição de razoável valor nutritivo: leite com um produto achocolatado (cacau, «Toddy», «Milo»...) e pão com fiambre ou mortadela ou queijo ou paio. A ideia, à primeira vista, parece simples; agora, imaginando que se quer realmente ir para a frente e fazer chegar todos os dias este alimento a todas as crianças do Concelho...

Desde logo se levantaram problemas vários. Havia quem estivesse disposto a avançar e havia quem pusesse reticências, sobretudo de dois géneros:

a) Quem e como vai suportar tão difícil encargo financeiro?

b) Há garantias de certa continuidade? Ou, pelo contrário, faz-se isto durante algum tempo, as coisas correm muito bem, mas é preciso acabar logo de seguida?

No meio deste debate, acabaram por sair vencedores os optimistas e começou-se com a difícil iniciativa.

«Maré Viva», na visita que efectuou à Comissão de Pais da Rua 23, procurou saber também destes assuntos. Ouviu a professora D. Helena Morgado, responsável pelo I.A.S.E. no nosso Concelho, portanto a pessoa mais indicada para nos fornecer alguns dados. Ela fez um pequeno balanço para o nosso jornal.

«Antes de mais, gostaria de salientar que foi a Comissão de Pais que tornou possível esta realização. O suplemento alimentar não teria sido distribuído às crianças se os professores não encontrassem na Comissão o auxílio precioso, o estímulo para a iniciativa e a indispensável ligação à comunidade. Eles a princípio não estavam lá muito confiantes...»

Aqui os elementos da Comissão interperaram e explicaram. Ninguém mais do que eles estava interessado em conseguir um suplemento alimentar para as crianças. Todavia, receavam que tal não passasse de castelos no ar, bonitos sem dúvida, mas sem grandes possibilidades práticas. Não queriam meter-se

numa coisa que, à partida, não desse garantias de continuidade. Sim, não interessava fazer grandes obras para ter que as parar daí a dois ou três meses, levando às pessoas a desilusão e um certo descrédito.

«Eu sempre acreditei nas pessoas, sempre tive a esperança de que a comunidade não deixasse morrer esta iniciativa, continuou a D. Helena Morgado. E assim foi, realmente. As coisas fizeram-se e as pessoas foram maravilhosas no apoio que prestaram. Basta olhar para os números:

— 181.187 refeições distribuídas, totalizando uma despesa de 815.341\$00. As receitas donde vieram?

— Subs. do I.A.S.E. 258.896\$80
— Subs. da Solverde 130.000\$00
— Comunidade 426.444\$70

Como se vê, sem a colaboração da gente de Espinho não teria sido possível fazer o que se fez (e convém salientar que Espinho foi o único concelho do País a arrancar com o suplemento alimentar para TODAS as crianças das escolas).

O I.A.S.E. comprometeu-se a subsidiar 30% das despesas. E assim fez, mas considerando ser de 2\$50 o custo médio de cada refeição, quando na prática tal custo era de 4\$00.

Por isso foi necessário tanto dinheiro da parte das pessoas para que a realização não morresse. Agora, para o futuro, vamos ver. Mas está mau...»

Segundo nos foi ainda informado, o director nacional do I.A.S.E., sem dúvida um dos principais «responsáveis» por esta louvável iniciativa, demitiu-se das suas funções. Em carta dirigida a todos os colaboradores do I.A.S.E. explicou não poder em consciência continuar no seu posto por discordar frontalmente com a política que estava a ser seguida no M.E.I.C., ministério de que fazia parte. Este facto, acrescido do sacrifício sempre grande (talvez demasiado grande) que haveria de exigir-se aos pais, põe realmente em dúvida que o suplemento alimentar possa continuar a ser distribuído no ano lectivo em curso.

As crianças já notaram com tristeza que «este ano não há leite». Terá que ser assim? A resposta está «lá em cima»... e nos pais.

DA MULHER

VAMOS VOTAR

Os portugueses mais uma vez vão ser chamados a votar. As mulheres são 52% da população, daí a importância da sua participação. São elas, além disso, quem mais sente os problemas dos locais onde vivem, nomeadamente os que se prendem com a falta de habitações decentes, escolas, infantários, parques infantis, lavadouros, saneamento, canalização de água e um mundo de outros problemas menores que se relacionam com a sua condição de esposa, mãe e dona de casa.

Apesar da propalada igualdade de direitos, poucas têm sido as mulheres chamadas a ocupar cargos governamentais ou de chefia.

Traumatizada por 48 anos de fascismo, em que a política «era só para os políticos» (homens), a marginalização a que foi votada é responsável pela despolitização em que ainda se encontra. É necessário que a mulher portuguesa desperte da letargia para que foi

conduzida e comece a participar nos actos que a todos dizem respeito, com vista à solução dos problemas que a afligem.

A mulher, quer seja trabalhadora e que representa 25% da população activa, quer seja apenas dona de casa tem muito a ver com as próximas eleições para as autarquias locais que se realizam em 12 de Dezembro. Os órgãos a eleger, Câmara Municipal, Assembleia Municipal e Assembleia de Freguesia, representarão o poder local a quem competirá apreciar e tomar decisões sobre os problemas do concelho.

Ao votarem em listas que integrem cidadãos reconhecidamente antifascistas, de atitudes coerentes e conduta sem ambiguidades conhecedores das carências locais e do dia-a-dia das populações, as mulheres portuguesas, particularmente as que vivem em condições de injustiça social gritante, poderão ver os seus interesses defendidos.

Maré-rua

«Nem só de pão vive o Homem!». Pois é! Mas quando este falta... nota-se um bocadinho! E isso aconteceu na passada semana, devido a uma greve nacional dos trabalhadores da indústria de panificação, em luta com o patronato por novo contrato colectivo de trabalho, facto que aliás constituiu motivo da atenção da secção de Trabalho no passado número de «MARÉ VIVA».

«Não queremos prejudicar o público nem a empresa em que trabalhamos, mas o facto é que não vimos outra saída». Eram estas as palavras de trabalhadores de Espinho que transcrevemos do citado artigo.

No entanto, soubemos hoje no «Telejornal» que a greve tinha terminado devido às especulações e manobras patronais que sobre ela tinham sido feitas e das quais os trabalhadores saíam a perder.

Fomos para a rua saber qual a falta que o pão tinha feito às pessoas (se é que chegou a fazer falta, pois, como também por nós foi noticiado, várias empresas de Guetim, Vila da Feira e Ovar, vieram a Espinho vender o seu pão, tentando captar assim a freguesia local, numa atitude antioperária e boicotadora) e quais as suas opiniões sobre a mesma.

A primeira pessoa por nós ouvida foi a D. Rosa Branco, dona de casa:

«Mesmo a ter falta de pão, só estive um dia. Nos outros tentei suprir essa falta com outros produtos que o substituem. Duma maneira ou de outra remediou-se sem muitos problemas.

Sobre a greve, não estou bem ao par das razões que a motivaram e por isso não me posso pronunciar. Claro que se as reivindicações são justas, acho bem que a greve seja feita».

Depois desta opinião, pusemos a mesma questão ao sr. Joaquim Luís Kaiseller, que sobre ela também se pronunciou:

«Sobre o abastecimento de pão lá em casa, não lhe posso dizer nada, pois não estou ao par de como decorreu e quais as dificuldades que houve.

Pessoalmente acho que uma greve de trabalhadores tem sempre razão de existir. Claro que as consequências de uma greve deste tipo vão sempre atingir muita gente...»

Resolvemos voltar ao sector feminino, mais ligado às lides caseiras e por isso mais atingido pela falta de pão. A D. Maria Lopes Ribeiro, funcionária do hotel PraiaGolfe colaborou connosco e confiou-nos:

«Não tive grandes dificuldades. Claro, no primeiro e segundo dia foi difícil... Depois acabei por arranjar pão na praça.

Sobre a greve, não estou dentro do assunto... Discordo no entanto se tivermos de ser nós a pagar o pão mais caro para que as reivindicações dos trabalhadores sejam satisfeitas».

Ainda queríamos ouvir mais gente, mas a hora já tardia e tudo já se encontrava em casa a jantar. Pelo menos mais uma opinião, c'os diabolos! Isto é o que se chama «andar às sêneas»... (Nem a propósito!). Salvou-nos a D. Carmen de Carvalho, professora primária, que, descendo apressadamente a Rua 19, ainda pôde «aturar» as nossas perguntas e a nossa querida esferográfica que resolveu também fazer greve. Felizmente fixámos a metade do que nos disse a D. Carmen e não «disse» a malfadada caneta:

«Sabe, dificuldade no pão não tive, porque não sou dona de casa. Assim não lhe posso falar sobre o abastecimento ao público.

Quanto à greve em si, não estou suficientemente informada para lhe dizer se ela é ou não justa. Quando

(Conclui na pág. 2)

Comemorações da Revolução de Outubro

Sexta-feira, dia 29, às 21.30 horas

Projecção de Diapositivos sobre a U.R.S.S.

Sábado, dia 30, às 21.30 horas

Projecção de um filme sobre a U.R.S.S., seguida de

SESSÃO de PERGUNTAS E RESPOSTAS sobre a

«A Vida na União Soviética»

pelo Dr. Alguís Tchekuoljs — director da Ag. Novosti

Domingo, dia 31, às 21.30 horas

Projecção do filme «CORACÃO DE CORVALLAN»

De 29 OUT. a 1 NOV. — Exposição Fotográfica sobre a UCRANIA

no SALÃO DA PISCINA

ENTRADA LIVRE

DESPORTO

HOQUEI EM PATINS

III Torneio Francisco Caldeira

Realizou-se no passado fim de semana o III Torneio Francisco Caldeira para Infantis. O principal aliciante do Torneio era ver pela primeira vez em acção este ano a equipa de Infantis da AAE e ver até que ponto estes miúdos saberiam defender a pesada herança que recebiam de dois anos de invencibilidade da equipa de Vitor Hugo, Silva e Companhia. Pois, apesar de não terem conseguido vencer o Torneio, gostamos francamente da equipa, muito aguerrida e homogénea. Esta, comparando-a com a outra está melhor servida de guarda-redes, faltando-lhe apenas o tal fora-de-série que aparece de tempos a tempos. Julgamos que esta derrota em nada afectará a equipa e que quando o Regional começar ela irá dar que falar.

Resultados e Classificação:

AAE, 12 — Infante de Sagres, 0
Carvalho, 12 — Rio Tinto, 3

3.º e 4.º lugares:

Rio Tinto 4 — Infante de Sagres, 3
(após prolongamento)

Final:

Carvalho, 5 — AAE, 3
(após prolongamento)

Alinharam pela Académica:

Nuno, Sá, Toni, Paulo, Casal, Lima,
Ximenes, Faria e Edgar.

ATLETISMO

AVEIRO: «Luz verde» para o S. C. de Espinho

Numa reunião do Departamento das Actividades Amadoras do S. C. de Espinho com a Associação de Atletismo de Aveiro foram expostas as razões que assistem ao clube espinhense no seu desejo de filiar a sua secção de atletismo na Associação do Porto: maiores possibilidades de competição, menores deslocamentos e portanto menos despesas.

A Associação de Aveiro, face a uma questão em que outras Associações Avei-

renses (hóquei em patins, andebol) têm posto obstáculos de toda a ordem, aceitou as razões expostas e declarou que não poria entraves às justas aspirações do atletismo espinhense.

Dado que a Associação Portuense de Atletismo já havia dado o seu acordo, tudo parece encaminhado para a filiação do S.C.E. nesta Associação e, portanto, para o seu regresso às competições oficiais.

CORFI: o desporto vai voltar

O C.A.T. da Corfi está espenhado em regressar à prática do desporto, em várias modalidades. Entre estas o futebol terá um lugar de relevo, embora ainda não se conheçam os moldes: competição federativa ou na Inatel.

De qualquer modo, impõe-se o arranjo do campo e nesse sentido foi acordado com a A.A.E. (nele interessada para o seu hóquei em campo) a divisão das respectivas despesas.

«Povo unido»

entregou as listas

(Conclusão da 1.ª página)

— Sim, efectivamente nestas últimas semanas depois que a «Frente» foi constituída foram grandes os esforços desenvolvidos por todos nós no sentido de se encontrarem as pessoas que merecessem a confiança das populações, pelas provas já prestadas na sua dedicação aos interesses do povo e da democracia. Para além, como é evidente, de todo o trabalho burocrático que a organização e legalização das listas exigiu. A propósito não se percebe como é que depois de todos os trabalhos que passámos para cumprir os prazos estes sejam alargados sem qualquer justificação pelo menos aparente. Se a intenção foi fazer-nos desanimar não o vão conseguir.

Isto disse-nos Daniel Dias. Dirigindo-nos a José Catarino perguntámos:

— Porque razão optaram por uma «Frente»?

— A «Frente» nasceu para dar cobertura legal à candidatura de democratas, de todos os que queiram congregar esforços para impedir a vitória nas eleições das forças reaccionárias. A iniciativa partiu do PCP e do MDP e teve a adesão de outras correntes de opinião democrática como a FSP. Pode-se assim ir ao encontro das aspirações de todos os que desejam trabalhar em conjunto para resolução dos problemas das populações. Prova o facto de muitos democratas sem partido terem aderido a esta «Frente» e nisso a nossa terra é um belo exemplo.

— Estão pois confiantes?

— Entendemos que os resultados destas eleições irão traduzir a vontade do povo português em derrotar a direita até porque desta vez o contexto político

eleitoral é diferente. As populações vão votar em pessoas que conhecem de perto e não em partidos onde o perigo da demagogia é mais poderoso.

Podemos garantir que a Frente Eleitoral «Povo Unido» não alinhará em qualquer tipo de demagogia com mensagens irrealistas mas vai oferecer os seus esforços para juntamente com as populações resolver os seus problemas.

Quisemos saber mais pormenores mas foi-nos dito que serão dados a conhecer brevemente juntamente com a apresentação pública das listas e das bases programáticas da F.E.P.U.

E terminou assim a nossa primeira reportagem «em cima» duma entrega de listas. Dentro do prazo de fecho desta edição, apenas pudemos registar a entrada de mais uma lista a da O.P.A. — Organizemo-nos Povo de Anta — na quarta-feira da parte da tarde. Sobravam os processos, Fernando do Carmo Fernandes e João da Silva Pinto, optimistas perante o êxito que, nos confessaram, a iniciativa está a ter naquela freguesia. Para a semana, teremos com certeza mais oportunidades de reportagem, quer no Tribunal de Espinho, quer no de Gaia ou Vila da Feira.

J. PINHEIRO DE MORAES

CLÍNICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921212

ESPINHO

MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º — Telef. 921014

Reparações em instalações eléctricas e em todos os electrodomésticos

ELECTRO PRONTO

MIRANDA & LEITE, L.DA

VENDA DE TODO O MATERIAL ELECTRODOMÉSTICO
E DE BAIXA TENSÃO

Rua 18 n.º 955

Telef. 921651

ESPINHO

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

VISTA OS SEUS FILHOS

na BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 — ESPINHO

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413

ESPINHO

Pinturarte

Armando Alves Ribeiro

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística

Rua 18 N.º 943 — Telef. 921412 — ESPINHO

Móveis — Espelhos e Molduras
— em todos os estilos —
Candeiros — Louças — Cristais
— Alcatifas — Electrodomésticos, etc. —

TALHO
e Charcutaria
CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 — ESPINHO

CAFÉ E RESTAURANTE

COPÉLIA

Almoços e Jantares — Serviço à lista

Especializado em Casamentos e Baptizados — Grande variedade de Petiscos

Rua 23 n.º 808

ESPINHO

CASA

TRANSMONTANA

ALMOÇOS E JANTARES

Especialidade em Bacalhau à Transmontana e Rojões à Portuguesa

— LANCHES VARIADOS —

Serve-se o melhor vinho de Rio Maior

Avenida 8 n.º 774

ESPINHO

Manuel da Feira

Manuel de Oliveira Marques Ferreira

Serviço à lista — Almoços e Jantares — Cozinha Regional

Especialidade em frango embragado e Coelho à Beirão

Rua 26 n.º 625

ESPINHO

O Basquetebol regressou!

Não há dúvida. O desporto em Espinho está a atravessar uma fase entusiástica de crescimento. Cresce o número de atletas, aumentam as equipas, as provas multiplicam-se e, o que é mais significativo, aparecem novas modalidades. Ressurgiu o atletismo no S. C. Espinho também no Sporting nasceu e cresce o badminton e agora na Académica (re)apareceu o basquetebol. E já era tempo. Nem se compreendia muito bem porque razão uma modalidade tão popular, tão praticada nas escolas da cidade não tinha ainda aparecido a nível oficial. Mas finalmente sucedeu o inevitável. A AAE meteu mãos à obra e já na última semana se fez entre nós a estreia da sua equipa de «basket».

Impunha-se por isso falarmos com alguém ligado a este ressurgimento que nos pusesse ao corrente das circunstâncias que rodearam este sucesso e dos projectos em vista. Conseguimo-lo na pessoa de Francisco Pinho, director da AAE encarregado do basquetebol e seu seccionista provisório. As perguntas e respostas sucederam-se.

«M. V.» — Quando e como surgiu a ideia de formar uma secção de basquetebol?

F. P. — Queria começar por dizer que o basquetebol foi uma das primeiras modalidades a serem praticadas pela AAE, o que talvez muitos desconheçam. Vários factores levaram agora à criação da secção. A necessidade de filiar mais uma modalidade numa Associação do Porto devido ao diferendo Porto-Aveiro; o facto de, apesar de haver cinco

F. P. — Até ao momento não obtivemos qualquer subsídio. Foi solicitado à Comissão de Turismo um subsídio de 7.500 escudos para levarmos a efeito um torneio quadrangular com duas das melhores equipas nacionais, o Sangalhos e o F. C. do Porto, e o Fluvial, torneio este que serviria não só de apresentação da equipa da AAE, como de lançamento da modalidade em Espinho e seria ainda um óptimo cartaz a integrar nas Festas da Nossa Senhora da Ajuda. Lamentavelmente esta ideia não pôde ser concretizada, pois a Comissão de Festas resolveu atribuir apenas 2.500 escudos, alegando que a função do turismo não é fomentar desporto. Custa-nos verificar esta falta de apoio quando se pretende fazer um trabalho válido não só desportiva, mas turisticamente. Não sei qual o critério seguido, uma vez que outras modalidades, como o voleibol, o atletismo e o hóquei, têm merecido os favores da Comissão de Festas. Simpatias?

«M. V.» — A AAE participa na II Divisão Regional. Quais as hipóteses que se lhe oferecem para uma presença meritória?

F. P. — A AAE inscreveu-se nesta prova apenas com a intenção de competir, na medida em que a competição é um estímulo que obriga os praticantes a um aperfeiçoamento contínuo, e sem qualquer preocupação de títulos. Além disso não se pode exigir muito mais de uma equipa formada recentemente com elementos jovens e com meia dúzia de treinos. Pessoalmente, só

nosso desejo seria criar imediatamente todas as categorias. Mas só o tempo bem acompanhado por um esforço perseverante dos amigos do basquetebol e da AAE poderá tornar esse sonho realidade.

Não queria terminar sem deixar de realçar o espírito de sacrifício de todos os praticantes bem expresso no facto de terem sido eles a pintar as marcações e na criação de uma quota interna destinada a ajudar a suprir as necessidades da secção.

E foi tudo da parte de Francisco Pinho. O suficiente para ficarmos a conhecer as vicissitudes do basquetebol da Académica e para, se isso fosse preciso, ganharmos mais facilmente vontade para ir ver e aprender a gostar de basquetebol.

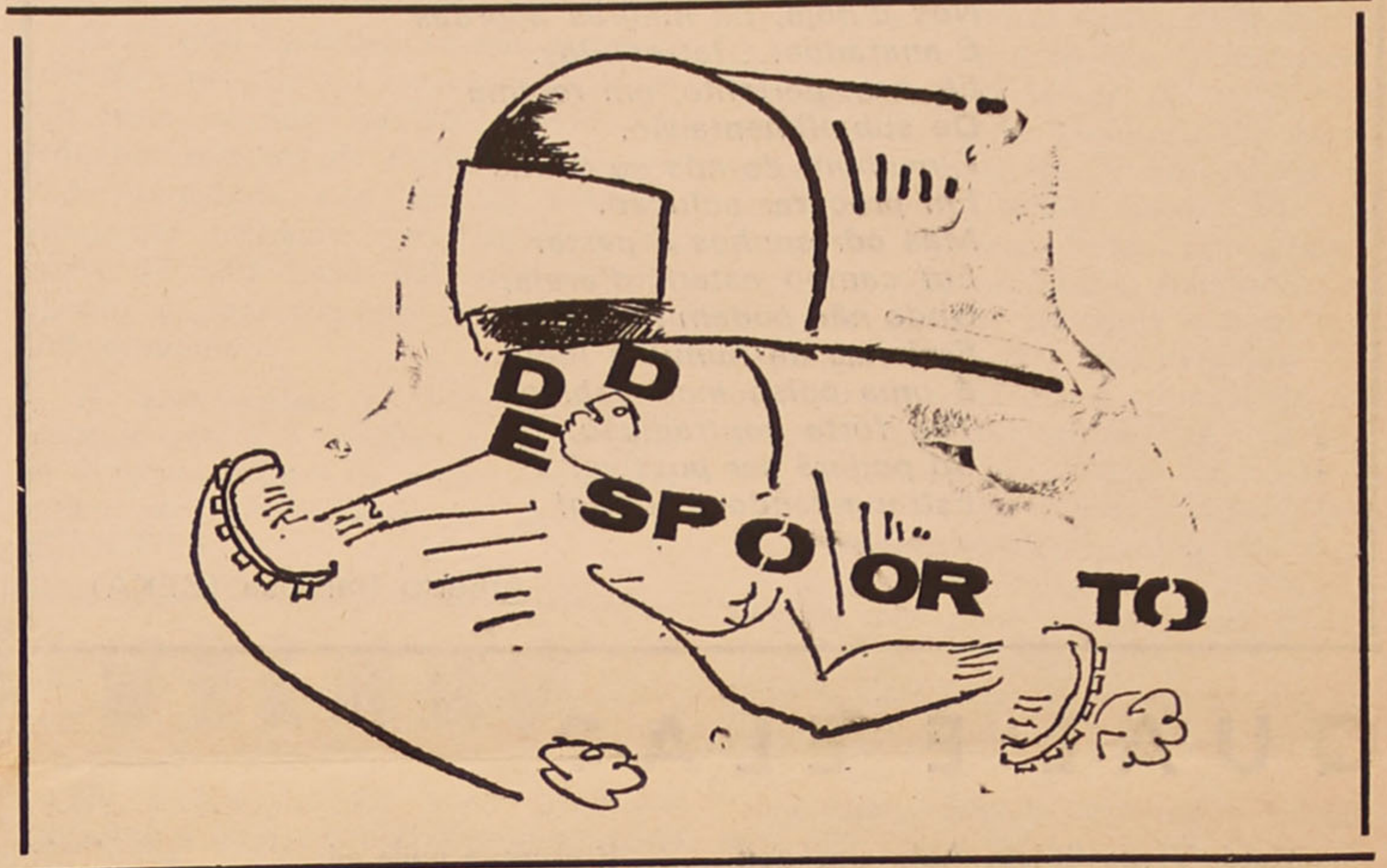
Voleibol

Vêm aí os campeonatos

Começam no próximo sábado, dia 30, os Campeonatos Regionais para as classes adultas.

Em seniores masculinos, o S. C. Espinho desloca-se a Matosinhos para defrontar a forte equipa do Leixões, a contar para o Campeonato Regional da I Divisão. Por sua vez, a Académica de Espinho, envolvida na III Divisão, começa o seu campeonato sem jogar, pois na primeira jornada está de folga.

Também os seniores femininos vão ter a oportunidade de começarem a mostrar o que valem. O SCE, na I Divisão, desloca-se à Póvoa de Varzim para defrontar o Desportivo local, enquanto que a AAE, na II Divisão, terá tarefa menos difícil, com a sua saída a Gueifães.



FUTEBOL

S. C. Espinho, 1 — Famalicão, 0

— O costume: marcar e defender —

S. C. ESPINHO — Quim; Gomes, Pereira, Gonçalves e Castanheira; Meireles, João Carlos e Vaqueiro (Alemão, aos 79 min.); Serrão, Reis e Canelas (Malagueta, aos 60 min.).

Árbitro: Joaquim Gonçalves (Porto).

O início do jogo, se preciso fosse, deu a ideia de que o Espinho teria de lutar muito para vencer o seu opositor. Na verdade, o Famalicão, servido de elementos bem constituídos e de boa técnica, apresentou um futebol desenvolto, de transposição fácil da defesa para o ataque, impressionando favoravelmente logo nos primeiros minutos.

O Espinho conseguiu responder à toada agressiva do adversário, com um futebol menos adornado, mas, valha a verdade, mais objectivo. Essa objectividade valeu-lhe a criação de algumas oportunidades de golo e não admirou que, aos 20 minutos, marcasse o seu tento. Vaqueiro «trabalhou» bem na ponta esquerda, meteu em Reis no bico da área e este cruzou sobre a baliza. Aí, sobre o lado direito, Serrão elevou-se (como sempre) muito bem e colocou a bola no canto

oposto, com o guarda-redes pregado no chão. Um golo bonito.

Já nessa altura se notou que ao futebol agradável do Famalicão faltava o essencial: finalização. Os remates à baliza de Quim não apareciam e para isso terá contribuído a acertada marcação de Gomes ao seu dianteiro mais perigoso, Reinaldo.

Na segunda parte, só o primeiro quarto de hora continuou o primeiro tempo. Começaram as demoras, os vagares, os pontapés de alívio a denunciar a única preocupação do Espinho: defender.

Porquê? Quebra física — isso foi notório, sobretudo no meio-campo. Mas que mais! Instruções de Mário Morais ou iniciativa dos jogadores? Seja como for, é perigoso. Os adeptos espinhenses não esqueceram a lição do Lourosa e o «olha a hora!» começou a ouvir-se muito cedo.

Valeu a inoperância do Famalicão para que o Espinho não sofresse outra decepção que, vamos lá, não mereceria.

O árbitro? Sem autoridade, sem critério e sem a firmeza suficiente para assinalar o «penalty» indiscutível, aos 47 minutos, sobre Vaqueiro.

GINÁSTICA DA A. A. E.

Por motivos de sobrecarga do pavilhão da A.A.E., as classes de ginástica, educativa e desportiva de ambos os sexos, passam a funcionar nas instalações do Colégio de Nossa Senhora da Conceição,

a partir do próximo mês de Novembro. As inscrições têm lugar no pavilhão da A.A.E. entre as seis e sete horas e meia da tarde.



Aqui está a prometedora equipa da Académica

pavilhões em Espinho, se verificar um total alheamento por uma modalidade que tem boa aceitação junto da juventude e que se encontra em fase de grande expansão; e a existência dentro da AAE de uma escola de iniciação que estava porém muito descoordinada.

«M. V.» — Com certeza que depararam com obstáculos para chegarem à concretização da ideia.

F. P. — Como sempre o aspecto financeiro foi muito importante. Numa colectividade como a AAE, cem por cento amadora, com uma vasta obra desportiva e com apoio oficial nulo, a criação de mais uma secção é uma atitude temerária. Depois há outros problemas, como a impossibilidade de tempos de treino no nosso pavilhão que já atingiu a saturação. Isto obriga-nos a estarmos dependentes de todos os furos provenientes da não utilização por outras secções.

«M. V.» — Em relação a apoios, eles não surgiram de nenhum lado?

admito os títulos quando eles surgem que se reforçam com jogadores americanos apenas para satisfazerem a clibite doentia dos seus associados.

A AAE apenas conta com o entusiasmo dos seus praticantes, na certeza de que eles procuram fazer o melhor que sabem e podem. Dentro deste princípio e uma vez que desconhecemos o valor das equipas adversárias, aceitamos qualquer lugar que possamos vir a ocupar.

«M. V.» — Actualmente têm apenas equipa senior masculina. Pensam alargar brevemente a actividade da secção a outras categorias?

F. P. — A nossa preocupação inicial foi formar uma equipa senior que servisse de estímulo aos jovens até agora impossibilitados de praticarem o seu desporto favorito e por outro lado oferecesse à população a oportunidade de apreciar a beleza de uma actividade tão dinâmica como o basquetebol. O naturalmente por via de um trabalho profundo e não como algumas equipas

CONTRASTES

Aquela força sonora
Que me emprestava a Poesia,
Deixou-me, de todo, agora,
Imerso em melancolia.
Desajeitado e sozinho,
Eis como me sinto eu:
Incapaz de abrir caminho
Até ao azul do céu.
Leves vestígios somente
Afloram ao coração...
E eu tenho versos na frente
Frios como um pastelão!

— Vou deixar os vãos líricos,
Que nem os tempos consentem;
Poisar em planos satíricos,
Que são os que menos mentem.
No tempo das vacas gordas,
Carne à farta, lacticínios...
Nos d'hoje, há magras açordas
E anafados... latrocínios.
Eis-nos, portanto, em regime
De sub-alimentação.
E nenhum de nós se exime
Em procurar solução.
Mas pôr sonhos à pastar
Em campo esteril d'areia,
Onde não podem medrar
Ervinhas de humilde Ideia,
É uma coisa inconcebível!
Tão forte contradição,
Só poderá ser possível
Estrangulando a Razão!

Alberto Barbosa (BEKA)

QUAL É ELA?

«Maré Viva» inicia hoje um concurso quinzenal.

Chama-se «Qual é ela?» (qual é a coisa, qual é ela?).

Ela, a coisa, é sempre uma personagem «em foco».

Por este ou por aquele motivo.

E o motivo está encerrado numa palavra de uma quadra que publicaremos.

O leitor tem que descobrir essa palavra. Depois de o fazer, tenta descobrir a personalidade pretendida.

(Para ajudar, acompanharemos as quadras com um desenho).

Certos ministros fizeram mudanças de ocasião.
Há mudanças que se operam e que fazem confusão...

Já se não muda tão bem o tremendo sofrimento dos que em casa não têm condições de

E escreve para cá.

De entre os leitores que nos escrevam e que consigam a resposta certa, sortearmos um livro.

Para esta semana o livro a atribuir como prémio será: «A ILHA DOS ESCRAVOS» (Marivaux), da Editorial Estampa.



progr
e
sistmas

Vem aí

CINANIMA 76

● CINEMA DE ANIMAÇÃO

— Filmes de 16 e 35 m/m no Salão da Piscina

e no S. Pedro, de 11 a 17 de Novembro

● ENCONTRO DE BANDA DESENHADA

— Exposição, debate e mini-feira
no Salão da Piscina de 19 a 21 de Novembro

ORGANIZAÇÃO DA «NASCENTE»

Os actuais métodos pedagógicos são bem precisos a esse respeito. Está posta de parte a ideia peregrina de que o tabefe, mesmo dado a tempo e horas, ajuda à educação da criança. A grossa palmatória deixou, e ainda bem, de infundir terror. A criança — o futuro jovem, o homem de amanhã — deve ser ensinada com persuasão. Todo o ser humano, desde que nasce até que morre,

merece ser considerado como tal, com ampla garantia da sua liberdade e integridade espiritual e física.

Bom era que estes conceitos da moderna pedagogia fossem devidamente ponderados por alguns adultos menos avisados.

texto publicado no DIÁRIO DE LISBOA de 24 de Fevereiro de 1970. sublinhados nossos

TEMPOS LIVRES

1 — CONVITE PARA O LEITOR

Todos os dias se fala da «problemática actual».

Horas e horas de «estudos» exaustivos.

Sociologia para aqui, referendos para ali, crítica para acolá. Enchem-se gabinetes de estatísticas, untam-se os papéis de números e de matemática.

As pessoas ficam admiradas: tantos problemas! Um as esfregam as mãos — convém-lhe os problemas (dos outros). Outras juntam os ombros: têm mais com que se preocupar. Outras ainda tentam consciencializar. São considerados utópicos e acabam por baixar os braços.

É por isso que se não sabe em que data histórica é que eles (problemas) começaram e em que data histórica vão acabar.

É por isso que a «Bíblia» está cheia de problemas; a «Carta-Guia de Casados» de Francisco Manuel de Melo está cheia de problemas; a «Arte de Bem Cavalgar» está cheia de problemas; a «Peregrinação» está também cheia de problemas. E o «Kama Sutra». Estão cheios de problemas os jornais, desde os tempos do Gutemberg. Cada vez mais diferentes e cada vez mais iguais.

A História é um gigantesco monte de problemas. Que vai desde uma ponta até à outra, de um polo Norte até a um polo Sul. A Europa. A África. A Ásia. A América e a Oceânia. Tudo cheio de problemas!

Esta nossa cidade não tem menos problemas que as outras cidades deste nosso problemático país. Porque a conhecemos bem, parece-nos que ela tem até muitos mais problemas que as outras. Ou então, para quem tem chauvinismo em vez de miolos, a nossa cidade não tem mesmo nenhum problema e rola impecavelmente.

E tu, leitor, chegado aqui, pensas que também tens problemas e que vais deixar de ler o «MARÉ VIVA» que, em vez de te distrair, te revive os problemas que gostarias de não ter. Mas tens. Ou então pensas que vais continuar a ler o «MARÉ VIVA» precisamente por isso: tomar conhecimento dos problemas é o primeiro passo no sentido de os resolver.

São problemas a poluição e o

racismo; o imperialismo e a bomba atómica; as multinacionais e a exploração; a fome e as centrais nucleares; a habitação e a droga; os desastres de viação e o tabaco; o alcoolismo e os acidentes de trabalho; a saúde e a prostituição; o conflito de gerações e os casinos; a alimentação e a roupa; os senhorios e os infantiários; os despejos e os patrões; a pornografia e o desemprego.

É um problema citar todos os problemas...

Alguns, nem deles nos apercebemos. A sociedade de consumo, os produtos supérfluos que consumimos, consumimos até à asfixia. Outros, tão horríveis como estes, lá os vamos vencendo: pagar a renda, vestir o casaco, engolir a cêdea. Ainda outros, sentimo-los cada vez mais perto e não sabemos como resolvê-los: a mendicidade, a droga, o alcoolismo, o jogo, a prostituição. Um mundo deles.

Os tempos livres podem ser (têm de ser) a resposta. Uma das respostas. Quem pensa nisso? Têm-se criado condições para utilização inteligente dos tempos livres? Ou os espaços vazios e ociosos para aqueles que trabalham é que são os tempos livres? E os desempregados? Não têm tempos livres ou «só têm» tempos livres? Tempo livre é ócio? É passear na rua e chocar nas esquinas com mendigos, prostitutas ou bêbados? É ir ao cinema e ser agredido pela pornografia? É ficar em casa e não ter casa para ficar?

O que são os tempos livres? O que devem ser? O que podem ser?

O aproveitamento dos tempos livres, de forma saudável e inteligente onde está? Os matemáticos, os biólogos, os educadores, os sociólogos até onde têm chegado? Que têm estudado sobre a matéria?

Estarão de tal forma absorvidos pelas suas contas, pelos seus estudos, pelos seus papéis que não consigam tempo livre para pensar nisso?

E tu, leitor? Que pensas disso? Que diabo, ninguém nos impede de pensar, nos tempos livres de que dispomos. Pensar não será uma maneira correcta de passar os tempos livres?

Tu como passas os tempos livres? Escreve para cá. Publicaremos a tua opinião...



PORTE

PAGO

SEMANÁRIO
AVENÇADO